Atraso no diagnóstico de esclerose múltipla numa população portuguesa

Resumo:

Introdução: A esclerose múltipla (EM) é uma doença inflamatória crônica, onde se preconiza a introdução precoce de tratamento dirigido. Um atraso no diagnóstico poderá reduzir as opções terapêuticas, sendo importante monitorizar o tempo até ao diagnóstico e compreender os fatores que potencialmente o reduzam.

Objetivo: Determinar o tempo entre os primeiros sintomas e o diagnóstico de EM e quais os fatores que podem contribuir para o atraso no diagnóstico.

Métodos: Estudo multicêntrico transversal retrospetivo, realizado em cinco hospitais portugueses. Os doentes foram selecionados, consecutivamente, a partir de bases de dados locais. Os dados sociodemográficos e clínicos iniciais foram adquiridos através de questionário individual. A data do diagnóstico final e a classificação da EM foram obtidas por consulta do processo clínico.

Resultados: Foram incluídos 285 doentes com média de idade ao diagnóstico de 36 anos. A mediana do tempo entre a primeira manifestação clínica e o diagnóstico de EM foi de 9 meses (IQR 2-38). O atraso no diagnóstico foi associado a idade avançada (p<0,001; r=0,35), défice inicial motor (26,5 meses (IQR 4,5-56,5), p=0,0005), maior número de surtos previamente ao diagnóstico (p<0,001; r=0,626), primeira observação por outra especialidade médica (11 meses (IQR 2-48); p<0,005), diagnóstico prévio alternativo (20 meses (IQR 4-67,5); p<0,05) e EM primária progressiva (37 meses (IQR 25-64,5), p<0,05). O atraso mais significativo ocorreu entre o primeiro sintoma e a observação por neurologista.

Conclusões: Ocorreu um atraso significativo no diagnóstico da EM, principalmente na forma primária progressiva e em doentes mais velhos, possivelmente devido a uma interpretação incorreta das queixas iniciais.